

QUEM SOMOS

A UNE Para Tempos de Guerra é construída por estudantes de diversos cantos do país. Estamos presentes em diversas entidades estudantis, como DAs, CAs, DCEs, Executivas de Curso, e também no dia a dia das e dos estudantes. Defendemos uma UNE que volte para as lutas da rua, que conduza os estudantes para a resistência e que seja referência para a categoria estudantil do Brasil inteiro. O período histórico que vivemos não permite vacilações: é urgente a necessidade de que a UNE volte a ser uma ferramenta que incida nos rumos do país e da educação.

A tese UNE Para Tempos de Guerra é impulsionada por militantes da Juventude da Articulação de Esquerda, tendência petista que se coloca na luta pelo socialismo e por outra estratégia política desde os anos 90. Acreditamos na construção de um PT democrático, socialista e de massas e, da mesma forma, acreditamos em uma UNE comprometida com as lutas dos estudantes e da classe trabalhadora. Lula Livre!

CONJUNTURA

Oposição na UNE!
Lula Livre no Brasil!

A vitória da extrema direita nas eleições de 2018, com a eleição de Bolsonaro à Presidência da República, marca uma derrota estratégica da esquerda brasileira, que também têm como partes constituintes o golpe de 2016 e a prisão política de Lula. Em 2019, consolida-se no país uma mudança de regime político, de caráter autoritário e ultraliberal, feito exclusivamente pelas classes dominantes para as classes dominantes. Dessa forma, a estratégia de conciliação de classes adotada pela maioria do PT e da esquerda brasileira foi derrotada e isto reafirma a necessidade de construirmos uma nova estratégia, que seja democrática, popular e socialista.

O programa que as classes dominantes impõem tem como principais aspectos a submissão aos EUA, inclusive na guerra imperialista na Venezuela; a destruição da Previdência Social, acabando com o direito de aposentadoria; o pacote apresentado Sergio Moro para aumentar a criminalização e extermínio da população pobre e negra; e uma ofensiva contra a organização da classe trabalhadora, tendo como ponto crucial manter Lula como preso político – fato cada vez mais claro com as conversas entre Moro e Deltan Dallagnol para influenciar na opinião da mídia e viciar o processo condenatório.

Do ponto de vista educacional, ambos os ministros indicados por Bolsonaro para o Ministério da Educação – Ricardo Velez e o atual, Abraham Weintraub – demonstram o compromisso desse projeto em aniquilar a educação pública, gratuita e de qualidade, utilizando inclusive da educação como ‘moeda de troca’ para a aprovação da reforma da previdência. Utilizam de uma falsa narrativa, ao colocar a universidade pública como local de ‘balbúrdia’ e indicam o verdadeiro objetivo: uma precarização que conduza à privatização. Mais uma vez, querem transformar a educação em mercadoria, fazendo com que as universidades voltem a ser acessadas somente pelas elites.



Entre em contato!
@UNEParaTemposDeGuerra



Além disso, o processo de criminalização das entidades estudantis, desde nossos Centros Acadêmicos – chamados por Bolsonaro de ‘ninhos de rato’ – até a própria UNE, permanece como um objetivo da extrema direita, sendo as tentativas de uma CPI da UNE o caso mais evidente. Retoma fôlego também o projeto Escola Sem Partido, com a mesma intenção de perseguição a estudantes e trabalhadores da educação. Em síntese: corte de investimentos, censura e privatização.

Nesse quadro, o movimento estudantil deve cumprir um importante papel de resistência. As recentes mobilizações, com atos da educação nos dias 15 e 30 de maio e a grande greve geral no dia 14 de junho, mostraram o descontentamento de milhões de pessoas por todo Brasil com o projeto adotado pelo governo, assim como o poder de mobilização da classe trabalhadora na defesa de seus direitos, principalmente das e dos estudantes e jovens. E não podemos perder o fôlego! Precisamos nos manter nas ruas para barrar as reformas, retomar os investimentos na educação e garantir a liberdade e inocência de Lula.

E nesse contexto de efervescência da luta social em defesa dos nossos direitos, a UNE tem um papel crucial: priorizar a luta social, retomar o diálogo com os estudantes nas universidades e potencializar a organização da rede do movimento estudantil. Caso se mantenha a burocratização e o foco absoluto na luta institucional, como a direção majoritária guiou a atuação da entidade nos últimos anos, aprofundará o processo de crise de legitimidade da entidade e aumentará ainda as possibilidades de ataques contra a entidade e a base estudantil.

Assim, consideramos necessário que a UNE integre o esforço para a construção de uma nova estratégia para a esquerda brasileira. A política de conciliação com a extrema direita expressa na eleição da presidência da Câmara Federal e as movimentações do PCdoB para isolar o PT – diga-se, o maior partido da oposição -, priorizando uma aliança com a centro-direita, são exemplos resultantes da estratégia que precisamos superar.

No 57º Congresso da UNE, devemos eleger uma nova maioria de direção política comprometida com a construção de unidade da esquerda na luta política e social, em radical oposição ao governo Bolsonaro. Esta unidade passa necessariamente por uma retomada profunda da luta popular, da presença na base e da luta pela liberdade do companheiro Lula. Precisamos de uma entidade que, mais do que nunca, construa uma política em defesa dos direitos da classe trabalhadora e pela abertura de um novo período em que se recoloque a possibilidade de um novo projeto de poder das classes trabalhadoras, articulado com a luta pelo socialismo.

Por uma UNE que mude sua estratégia de atuação, sendo presente na base e articulando sua rede, não somente em gabinetes e eventos institucionais, conciliando com aqueles que querem nos destruir. Por uma UNE que faça um balanço real do que foi suas últimas gestões, que não construa análises sem ser calcadas na realidade. Por uma UNE que esteja junto da classe



Entre em contato!
@UNEPARA TEMPOS DE GUERRA



trabalhadora nas ruas, junto às frentes e centrais sindicais, para criarmos as condições para enfrentar as ameaças legais e ilegais da extrema-direita, visando retomar as liberdades democráticas e a justiça social. Por uma UNE que organize, forme e mobilize a massa estudantil para a derrubada da reforma da previdência e do Escola Sem Partido, por justiça a Marielle e por Lula Livre! É PRECISO UMA UNE PARA TEMPOS DE GUERRA!

OPOSIÇÃO NA UNE! LULA LIVRE NO BRASIL!

EDUCAÇÃO

Educação não transforma o mundo.

Educação muda as pessoas.

Pessoas transformam o mundo.

- Paulo Freire

A educação no Brasil sempre foi alvo de ataques das elites entreguistas que pretendem adotar como projeto sucateamento da educação para vendê-la. Essa pauta vem sendo intensificada pelo golpe de 2016 e pela eleição de Jair Bolsonaro à Presidência, ambos governos que declaradamente atacam a possibilidade de uma educação mais emancipadora e menos mercadológica. Não foi à toa que uma das primeiras medidas do governo golpista de Temer foi a reforma do ensino médio, que dificulta o acesso e a permanência dos estudantes nas salas de aula, sobretudo aqueles que precisam contribuir ativamente para a renda familiar.

Acabar com a educação pública, gratuita e de qualidade tem se mostrado estrutural para o governo. A justificativa é a de que os professores – sobretudo os de humanidades – e o movimento estudantil seriam responsáveis por uma suposta decadência dos costumes na sociedade brasileira. Na prática, Bolsonaro e seus ministros mobilizam o chamado “combate ao marxismo cultural” para perseguir a esquerda e naturalizar narrativas autoritárias e violenta, em especial pró-ditadura militar.

Nesse início de governo, já estamos assistindo o desmonte proposto: ataque à liberdade de cátedra; tentativa de criminalização do debate político; desmonte da pesquisa e da extensão; incitação ao ódio e à violência como formas de perseguição intelectual, entre outros. Destaca-se ainda o combate do governo a própria história de nosso país, visto os ataques ao estudo de História da África, de comunidades afro-brasileiras e dos povos indígenas, bem como de suas artes, religiões e literaturas; história dos movimentos sociais – sobretudo a do movimento estudantil- e da luta contra a repressão durante a ditadura militar; educação sexual e diversidade.

Já nesses seis meses de governo foi anunciado corte de 30% (ou mais) nos investimentos para as Universidades e Institutos Federais (IF's), a possibilidade de não renovação do FUNDEB, além de cortes generalizados de milhares de Bolsas da Pós Graduação (como da CAPES). Inúmeras dificuldades foram criadas para os bolsistas do Prouni quando defendeu-se que o mercado decidirá os juros do FIES, impossibilitando o desenvolvimento da educação no país. Várias universidades, inclusive, declararam que não terão recursos para



Entre em contato!
@UNEPARA TEMPOS DE GUERRA



manter seu funcionamento até o fim do ano letivo, o que comprova o drama que viveremos na educação brasileira no próximo período, enquanto Bolsonaro e seu Ministro da Educação zombam da população.

Os ataques, além de continuarem a rasgar a nossa constituição, negando o direito à educação aos oriundos dos setores populares, visam também atacar diretamente a soberania nacional, através do desmonte da ciência e tecnologia, setor fundamental para o desenvolvimento de uma nação soberana.

O mercado e os detentores do poder, nunca pensaram as escolas e universidades brasileiras como algo dos trabalhadores e de suas e seus filhos, em especial os oriundos das camadas mais populares. Ser resistente a um modelo educacional crítico, democrático e popular sempre foi pauta central daqueles que detêm o poder em nosso país. O que recebemos é uma educação mercadológica na lógica dos poderosos, uma educação acrítica e completamente tecnicista, que tem como função primordial criar soldados bem treinados para o famoso exército de reserva do “mercado de trabalho” ou em tradução livre “campo de batalha do capitalismo selvagem”.

As escolas e universidades que desejamos, ao contrário da que é defendida pelo atual governo, são instituições baseadas em uma educação pública, gratuita e de qualidade, baseadas num projeto democrático e popular que abrange por completo a classe trabalhadora. A educação deve ser capaz de proporcionar e incentivar a pluralidade de ideias e concepções de mundo pra dentro da sala de aula, além de promover um amplo debate político.

O projeto de educação que tem como foco tornar o jovem trabalhador um cidadão crítico não é uma utopia e depende da ação do Estado brasileiro para ser efetivada. Apenas com uma perspectiva de soberania nacional e desenvolvimento este projeto é possível. Os governos populares de Lula e Dilma mostraram que é possível democratizar a educação no Brasil, incluir os mais pobres no orçamento, popularizar o ensino e criar uma sociedade mais justa.

Frente a isso é fundamental construir a resistência, nas escolas, nas universidades e nas ruas. Os últimos dias de luta, foi um grande exemplo pra isso. Estudantes e trabalhadores deram as mãos para poder construir um movimento organizado e consequente, que paute política e tenha condições de pressionar os poderosos. Milhares de pessoas foram defender a educação pública brasileira e a seguridade social, defender que não somos mercadoria e que conhecimento é fundamental para a emancipação humana.

Os tempos de guerra estão postos, e essa guerra é contra nós, visto que Bolsonaro diz claramente que quer nos destruir por aquilo que pensamos. E precisamos estar preparados! Precisamos estar preparados enquanto entidades, enquanto organizações e principalmente enquanto classe trabalhadora! **PRECISAMOS DE UMA UNE PARA TEMPOS DE GUERRA** Para travar e dirigir as lutas nos próximos períodos por uma educação pública gratuita, de qualidade e inclusiva, onde todas e todos tenham direito e acesso a ela.



Entre em contato!
@UNEparaTemposDeGuerra



MOVIMENTO ESTUDANTIL

UMA UNE TEMPOS DE GUERRA

O período histórico que vivemos exige coragem e ação da juventude e dos estudantes. Durante a ditadura militar, o movimento estudantil desempenhou um papel fundamental no combate à repressão, à censura e também na luta pela democracia. Anos após a redemocratização e inúmeras conquistas que tivemos através dos governos petistas, o Brasil volta a ser sondado por forças obscurantistas e compromissadas com a aniquilação da esquerda, do povo pobre e de um projeto de país soberano. Hoje, assim como em outros períodos da história, a União Nacional dos Estudantes é uma ferramenta fundamental para a resistência, para a luta contra o desmonte do Estado brasileiro, contra o entreguismo e pela retomada de um projeto emancipador e crítico de educação.

Nos últimos anos, nos deparamos com uma entidade que foi apaziguada pela política gabinetista e institucionalizada do campo majoritário. A falta de ação política, de reivindicação e o afastamento da entidade das ruas e das universidades resultou em uma UNE ausente da realidade do movimento estudantil, que hoje, passa por uma crise de legitimidade e representatividade. A forma como têm sido conduzidos os espaços deliberativos do movimento estudantil demonstram a urgente necessidade de uma reforma política e organizativa dentro da UNE. O momento que vivemos exige melhor organização e mais horizontalidade na construção do movimento estudantil, carecendo de uma reforma que paute a substituição do sistema presidencialista por uma estrutura colegiada, a criação de espaços amplos de participação estudantil, além de uma entidade que dê conta da diversidade de pautas construídas pelos estudantes. Precisamos construir uma UNE que dê respostas à altura do período histórico que vivemos. É preciso uma UNE Para Tempos de Guerra!

Os dias 15 e 30 de maio de 2019 demonstraram a força dos estudantes e da juventude e evidenciaram o quanto a luta pela educação é algo que mobiliza e unifica o povo brasileiro. Porém, é preciso mais que isso: precisamos de uma UNE que dê as mãos para a classe trabalhadora e, junto com a defesa da educação, mobilize o povo em defesa de outro projeto de sociedade. O conluio bolsonarista, representado pelos bancos, elites agrárias e o pior segmento do reacionarismo brasileiro, tenta chantagear o povo afirmando que temos que escolher entre educação ou previdência social. Nossa resposta deve ser muito franca: não vamos escolher entre direitos! Precisamos de uma UNE que defenda a educação com toda a coragem, e que também se coloque firmemente na luta contra a reforma da previdência e pela liberdade do companheiro Luiz Inácio Lula da Silva.

A prisão de Lula sustenta uma narrativa golpista que criminaliza todo o conjunto da esquerda – incluindo as forças que constroem a UNE – e por isso, defender Lula Livre é defender a UNE. Os recentes vazamentos do The Intercept apenas comprovam algo que já dizíamos há muito tempo: existe um golpe em percurso que objetiva reconduzir o Brasil à condição de país miserável e superexplorado no capitalismo internacional. Assim como tentam



Entre em contato!
@UNEParaTemposDeGuerra



destruir o Partido dos Trabalhadores, os sindicatos e diversas outras formas de organização popular, a União Nacional dos Estudantes também é alvo dessa criminalização. Querem enfraquecer a entidade através da CPI da UNE, e mais recentemente, da proposta do governo Bolsonaro de emitir uma carteirinha desvinculada à UNE, como forma de retalhar o autofinanciamento e a organização dos estudantes. Querem acabar com a principal ferramenta do movimento estudantil porque sabem a importância histórica e a capacidade de mobilização que a entidade possui.

O 57º Conune será um momento decisivo para construirmos uma União Nacional dos Estudantes que volte às ruas, à luta popular e ao dia a dia do movimento estudantil. Precisamos de uma entidade que possua a rebeldia necessária para lutar contra os retrocessos do governo Bolsonaro, conduzir os estudantes à resistência e retomar o horizonte que queremos para o Brasil.

O movimento estudantil e a UNE possuem um papel crucial nessa conjuntura, porém, somente com uma direção política consequente e alinhada aos interesses da classe trabalhadora brasileira podemos triunfar. Precisamos de uma UNE comprometida com a luta contra o neoliberalismo, o entreguismo e preocupada com a construção de uma integração latino-americana de estudantes, trabalhadoras e trabalhadores. Precisamos construir um movimento estudantil rebelde, consequente e que pare o país para mostrar que balbúrdia é o que querem fazer com os nossos direitos.

Viva o movimento estudantil! Viva a União Nacional dos Estudantes!

COMBATE AS OPRESSÕES

MULHERES

Ainda que, no histórico do ensino superior, as mulheres tenham começado a acessar a Universidade 70 anos depois dos homens, hoje, são as mulheres que constituem maioria nas matrículas do ensino superior. Isso foi possível através da luta e da participação feminina no movimento estudantil e das conquistas obtidas com o avanço das políticas de acesso à permanência das mulheres na universidade. O Movimento Estudantil deve reconhecer que as mulheres têm condições e reivindicações específicas, e deve estar na defesa da criação e fortalecimento dos fóruns e ouvidoria de denúncia de assédio e estupro nas universidades, da criação de núcleos de pesquisa e extensão sobre gênero, lutar por garantia da moradia estudantil para mães estudantes e suas/seus filhas/os, acesso a creche em tempo integral e que as crianças possam acessar os Restaurantes Universitários juntas de suas mães.

NEGROS E INDÍGENAS

Se por um lado houve ampliação no acesso de Negros e Indígenas à Universidade, por outro, as instituições de ensino parecem não estar preparadas para recebê-los, tanto no que diz respeito à permanência material, como no que diz respeito a ter um ambiente acadêmico que os acolha,



Entre em contato!
@UNEPARA TemposDeGuerra



respeitando a diversidade e identidade cultural desses sujeitos. Dessa forma, para a permanência do negro e do indígena no ensino superior, é preciso que, além da defesa da permanência das cotas e assistência estudantil, façamos a defesa de uma universidade que enfrente os problemas da integração desses povos na sociedade de classes.

LGBT

Reconhecer a importância da população LGBT para as lutas políticas da atual conjuntura é uma tarefa importante do movimento estudantil. O governo Bolsonaro, através de sua política nefasta e reacionária, já se mostrou extremamente disposto a acabar com os direitos dessa população. Se, nos últimos anos, os e as LGBTs estiveram à frente de conquistas significativas para o movimento, agora a situação se inverte: voltamos a temer a patologização e a perseguição. É fundamental que a pauta LGBT seja compreendida como algo indissociável das lutas pela transformação da sociedade. As identidades e sexualidades dissidentes ainda são motivo de expulsão de seus lares, o que faz com que muitos LGBTs virem mão-de-obra barata nas mãos do mercado. A situação se agrava ainda mais para pessoas trans, sobretudo as mulheres, que tem cerca de 90% de sua população condicionada à prostituição. No ambiente universitário, principalmente em setores mais conservadores, são muitos os LGBTs que desistem de estudar pela falta de acolhimento. A luta por outra universidade e outra sociedade inclui a luta por permanência, legitimidade e direitos para a população LGBT, compreendendo que a libertação dessas pessoas se dá por uma profunda transformação nas estruturas sociais.

SAÚDE MENTAL

Dos últimos anos para cá, houve um aumento significativo de transtornos psicológicos (principalmente depressão e ansiedade) no meio acadêmico. Isso surge com uma gama de causas, cada vez mais relacionadas às opressões do dia a dia (racismo, machismo, LGBTfobia, capacitismo e psicofobia, por exemplo), ao elitismo da academia, que esmaga a saúde mental, principalmente dos estudantes de classes populares (não é à toa o número alto de abandono do ensino por conta disso, como também por questão de necessidades de classe), à falta de promoção de debates e de um fortalecimento institucional dos cursos em relação ao tema (onde se deveria criar um programa de extensão entre a faculdade com a psicologia para se ter mais acesso psicológico para a categoria estudantil). As consequências que ocorrem na saúde mental dos estudantes são a medicalização de forma errônea ou o confinamento em hospitais psiquiátricos (que agora, mais uma vez, se tornam manicômios, graças a uma canetada do governo Temer que desconsidera o tratamento humanizado como possibilidade para pessoas com transtornos) ou o suicídio, que é algo que vem aumentando na juventude, principalmente na juventude negra. O sistema capitalista funciona através de crises, e é causado através da crise de acumulação (processo onde o capitalista tem alta produção, porém a população está com o poder de compra muito baixo, logo, ao invés de se achar maneiras de aquecer fazendo políticas de inclusão de mercado e de aumento dos empregos, o que ocorre é um processo de destruição de



Entre em contato!
@UNEParaTemposDeGuerra



riquezas e vidas humanas). Por isso é muito importante debater essa pauta no movimento estudantil e principalmente mantendo o viés classista dessa pauta, é muito importante a institucionalização do debate como também o fortalecimento da democratização de atendimentos psicológicos para os e as estudantes. Além disso, devemos fortalecer valores coletivos, como a empatia, diante do individualismo que paira nas relações sociais.

ACESSIBILIDADE

Nas nossas universidades e na nossa sociedade em geral, existe uma tentativa de inclusão no sentido teórico, porém não é o que acontece na prática. Nossa sociedade, até hoje, marginaliza as pessoas com deficiência. O capacitismo (opressão contra pessoas com deficiência) existe de diversas formas: de forma estrutural (arquitetura inacessível e/ou falta de ferramentas de inclusão nos espaços de socialização, insultos, agressões), de forma simbólica (como reservar às pessoas com deficiência tratamento de pena, de inferioridade/subalternidade) e através da segregação e exclusão nos ciclos de socialização. É uma opressão que se baseia na ideia de um padrão anatômico de corpo perfeito. A opressão nesse caso é contra as pessoas com deficiência física externa ou interna (inclusive a mental). Dentro das nossas universidades, como na sociedade em geral, existe ainda uma grande falta de ferramentas de acessibilidade. Não apenas as questões arquitetônicas, mas também na formação dos professores e de institutos, na falta de ferramentas para pessoas que precisam de braile, libras, rampas para pessoas que usam cadeira de rodas, piso tátil para as pessoas com deficiência visual e entre outros. O mais grave disso tudo é a falta consciência sobre o tema. Por isso, se queremos um movimento estudantil que pautar o fim das opressões, temos que incluir inúmeros setores, não apenas no discurso, mas principalmente nos espaços estudantis. Por isso, é extremamente importante o movimento estudantil respeitar, incluir e entender que as pessoas com deficiência merecem não apenas respeito, mas também direitos e acessibilidade.

LULA LIVRE!

A Operação Lava Jato é um dos pilares do golpe de 2016, não só porque foi uma das articuladoras da deposição da presidenta Dilma e a responsável pela prisão política de Lula, mas, sim, porque esses dois elementos foram e são centrais para estabelecer um projeto de país que retira os direitos da classe trabalhadora, coloca as Forças Armadas no centro da vida política brasileira e nos subordina aos interesses dos Estados Unidos. As últimas revelações do The Intercept confirmam isto. A atuação de Sérgio Moro, articulando e coordenando as acusações do ex-presidente, tinha como os únicos motivos a retirada de Lula da disputa presidencial de 2018 e da luta política direta em nosso país para que o projeto do golpismo pudesse vingar.

Cabe-nos, pois, fazer um breve resgate de memória histórica para que possamos esclarecer a importância do papel político de Lula no contexto atual. Quando costumamos debater sobre a Ditadura Empresarial-Militar brasileira muito falamos sobre a luta armada e sobre a luta institucional via MDB. Entretanto, um exercício que pouco fazemos – seja porque não costumamos fazer balanço histórico, seja porque insistimos em repetir os erros estratégicos



Entre em contato!
@UNEparaTemposDeGuerra



e táticos da nossa luta política – é rememorar como conseguimos derrotar a ditadura brasileira. Entre as várias táticas de luta armada e da própria tentativa de construção de frente ampla com setores da burguesia nacional, o que conseguiu acumular forças para a derrota do regime foi a luta de massas, representada pelas grandes mobilizações estudantis e as greves de trabalhadores, com destaque para as greves do ABC que, por sua vez, conseguiram mobilizar e cruzar os braços milhares de trabalhadores na região paulista. Aqui, uma figura popular, vinda do interior do interior do Nordeste brasileiro, se destacou por liderar e articular com maestria as greves: Luiz Inácio Lula da Silva.

Lula, a partir de então, conseguiu se colocar para o conjunto do povo brasileiro como a maior liderança popular da história do nosso país. Prova disto é a sua capacidade de liderar as massas não só por meio das greves na década de 1980, mas por ter conseguido terminar um governo com mais de 80% de aprovação e de, mesmo preso e com uma campanha intensa de criminalização ao nosso partido e à sua vida política, ter sido o candidato favorito pelo nosso povo ao pleito eleitoral de 2018.

A Lava Jato e a coalizão golpista sabem que para se sustentar no governo é fundamental, dentre outros aspectos, ter uma liderança que consiga aglutinar as massas. Portanto, eles sabem também que a fragilidade do projeto que está posto é a possibilidade de Lula, como liderança de massas, fazer o contraponto a Bolsonaro, organizando nas ruas, nas praças e bairros a resistência à reforma da previdência e ao desmonte da educação. Vejamos: se Lula é liberto, a luta contra o governo entra em outro patamar, uma vez que há uma liderança do nosso campo democrático popular (que por sinal é a única atualmente) com grande inserção nas massas. Lula põe em cheque direto a liderança de Bolsonaro e o projeto neoliberal conservador em curso. Lula, portanto, é a possibilidade concreta – gostem alguns ou não – de forjarmos uma saída democrática popular à crise instaurada. Por isso, a campanha pela libertação de Lula aponta para a derrota do governo Bolsonaro e sinaliza, a depender do nível de consciência que consigamos estar, para um projeto de país de cunho popular, capaz de colocar como central as reformas estruturais que precisamos.

Nesse sentido, é papel da UNE e do movimento estudantil colocar a bandeira Lula Livre como central para esse período, vinculando-a aos cortes orçamentários, à piora das condições de vida da classe trabalhadora e à defesa da autonomia das nossas universidades. Não podemos mais nos iludir com as táticas que põe como central a formação de uma frente ampla com os ditos “setores democráticos” que, inclusive, compõem a agenda de retirada de direitos da classe trabalhadora e do nosso povo. Não nos esqueçamos que, historicamente, essas táticas equivocadas só serviram à desarticulação da luta de massas. O núcleo duro da resistência ao governo tem que ser o bloco popular e nesse bloco Lula cumpre uma função crucial de liderança. Por isso, é urgentemente necessário que a entidade volte a assumir o dia-a-dia das universidades públicas e privadas, retomando a primavera estudantil, construindo os comitês Lula Livre, ao passo em que engajamos a classe trabalhadora nesse processo e acumulamos forças para a greve geral e para a derrota do golpismo.



Entre em contato!
@UNEParaTemposDeGuerra

